

humanitas



Vol. I - Vol. II

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HVMANITAS

VOL. L • TOMO II
MCMXCVIII

2.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA
DO DOUTOR JOSÉ GERALDES FREIRE



COMPARAÇÕES HOMÉRICAS NO POEMA
DE GESTIS MENDI DE SAA DE JOSÉ DE ANCHIETA

SEBASTIÃO T. DE PINHO
Universidade de Coimbra

De entre os padrões de estética literária de origem greco-latina presentes na monumental obra humanística de José de Anchieta – nos cerca de onze mil versos que constituem as suas composições em latim neoclássico –, impõem-se, além de outros, as consagradas fórmulas cronotópicas, tradutoras da noção de tempo e espaço, frequentemente centradas em elementos de referência mitológica, e sobretudo as famosas comparações de extensa e cuidada elaboração que ficaram conhecidas, na história da crítica literária, pelo nome de símiles homéricos. A sua recorrência, estrutura e significado artístico, dentro da poesia latina anchietana, em particular no poema épico *De gestis Mendi de Saa*, contribuem de maneira decisiva para o enquadramento histórico-literário desta obra e justificam algumas palavras de estudo e análise particular.

Com efeito, tais comparações patentes na obra de Anchieta, retomam à antiga e continuada tradição helénica, onde ganharam um estatuto de maturidade estética e passaram a ser fonte permanente de inspiração para todos os géneros de literatura, não apenas na poesia, como também em prosa, e não exclusivamente na épica, mas ainda na maior parte das outras formas poéticas. Foi, porém, na epopeia grega que elas conquistaram um lugar de particular relevância literária.

Assim, quando Homero conta um episódio ou descreve um espectáculo, quando narra a acção, o comportamento e aristeia de um herói, e quando deseja precisar melhor a sua narrativa ou dar-lhe o relevo que pretende mas já não encontra palavras para o fazer através do simples e vulgar discurso objectivo, rompe com este, foge por assim dizer da realidade, entra no campo do imaginário e recorre a uma comparação, mais ou menos elaborada e desenvolvida, evocando

uma situação analógica e eventualmente mais conhecida do leitor, que funciona como comparante do objecto da narração, e construindo assim um minidiscorso paralelo com funções de esclarecimento e quase sempre de particular sentido estético.

Tomemos como exemplo a comparação da *Iliada* (XI, 414-420) com que Homero descreve a situação de Ulisses quando ocorreu a defender Ajax atingido pelos Troianos e se viu sozinho diante de grande número de inimigos que se avolumavam diante de si, tendo que os enfrentar e, ao mesmo tempo, que proteger a retirada do seu companheiro ferido. Apesar do desequilíbrio numérico, a bravura de Ulisses fazia pender o perigo para o lado troiano, como a sequência da cena depois demonstrou. O poeta recorre ao símile do javali, furioso e pronto a investir quando cercado por enorme matilha e por um bando de jovens caçadores destemidos e imprudentes, para, através desta imagem cinégetica, o leitor ou ouvinte poder assim melhor visualizar a extraordinária valentia do herói grego:

Ὡς δ' ὅτε κάπριον ἀμφὶ κύνες θαλεροὶ τ' αἰζηοὶ
σεύονται, ὁ δέ τ' εἴσι βαθείης ἐκ ξυλόχοιο
θήγων λευκὸν ὀδόντα μετὰ γναμπτήισι γένουσσιν,
ἀμφὶ δέ τ' αἰσσοῦνται, ὑπαὶ δέ τε κόμπος ὀδόντων
γίνεται, οἱ δὲ μένουσιν ἄφαρ δεινὸν περ ἔοντα,
ὥς ῥα τότε ἄμφ' Ὀδυσῆα Διὶ φίλον ἐσσεύοντο
Τρῶες.¹

Tal como quando à volta do javali se precipitam cães e robustos rapagões, e eis que ele investe do fundo da toca aguçando a sua branca dentuça por entre as recurvas mandíbulas; eles correm à sua volta, surge um surdo ranger de dentes, e eles estão prestes a fazer-lhe a espera, por mais temível que ele seja: **assim também então** se precipitavam os Troianos à volta de Ulisses, querido de Zeus.

Tais comparações ou símiles assim elaborados, que introduzem no decorrer do discurso narratológico uma espécie de outra pequena narrativa

¹ Vd. Homero, *Iliada* XI, 414-420.

paralela a servir de comparante ao comparado contido na narrativa principal, assumem por vezes dimensões particularmente desenvolvidas, pelo que Charles Perrault, um dos críticos que no séc. XVII participou da querela dos antigos e modernos, lhe chamou (usando para isso também um símile nupcial) “comparações de cauda longa”.²

Virgílio, o compositor da maior epopeia latina e, porventura, – ousou dizê-lo – da maior epopeia de sempre apesar dos seus débitos creditados aos poemas homéricos, também fez largo recurso deste processo literário, dentro da estrutura helénica tradicional³. Vejamos como exemplo o símile com que, no Canto XII, 4-9, da *Eneida* Virgílio descreve a determinação com que Turno se decide, enfim, a entrar em combate singular com o seu rival Eneias, para o desfecho final do poema. Turno acabara de perder a sua aliada Camila com grande parte das tropas da coligação latina antitroiana. A despeito deste desaire e aproveitando um momentâneo desalento das forças troianas, o chefe dos Rútulos resolve apresentar-se ao rei Latino para assumir o duelo com o chefe dos Troianos. Virgílio assim compara o seu ardor bélico com o do intrépido leão do Norte de África, apesar de ferido dos caçadores:

[.....] *Poenorum qualis in aruis
saucius ille graui uenantum uulnere pectus
tum demum mouet arma leo, gaudetque comantis
excutiens ceruice toros fixumque latronis
impavidus frangit telum et fremit ore cruento:
haud secus accenso gliscit uiolentia Turno.*

[.....] **Tal como** aquele leão que,
nos campos de Cartago, ferido no peito pelo duro golpe dos caçadores,
prepara então finalmente as suas armas, se amina sacudindo
no pescoço seus músculos revestidos da juba, quebra, impávido,

² *Vd.* Charles Perrault, *Paralèle des anciens et des modernes en ce qui regarde les arts et les sciences. Dialogues* [...], Paris, 1692. Tom I-IV [repr., Genève, Slatkine Reprints, 1971, p. 212].

³ Sobre o uso deste tipo de comparações na *Eneida*, *vd.* o nosso artigo “A tradição do símile homérico e o seu lugar na epopeia virgiliana” *Humanitas* 47 (Coimbra, 1995) 499-530, e bibliografia aí citada na nota 8 da p.501. *Cfr.* também “Comparações e símiles homéricos n’*Os Lusíadas*”, *Actas do 4º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Lisboa – Porto – Coimbra, 1995, p. 735-748.

o dardo cravado do caçador e ruge de boca ensanguentada:
assim também recresce a raiva de Turno inflamado.

Vejam agora como Anchieta soube adaptar estas estruturas retóricas ao seu poema *De gestis Mendi de Saa*, uma epopeia latina “Acerca dos feitos de Mem de Sá”, composta em homenagem ao jurista deste nome, um dos muitos irmãos de Sá de Miranda e terceiro governador-geral do Brasil desde 1557 a 1572. Tratando-se de uma epopeia de guerra, como é toda a *Iliada* homérica e grande parte da *Eneida* virgiliana, não admira que o poeta canarino, detentor de uma profunda cultura clássica e do domínio perfeito e criativo da língua latina, desenvolvido e consolidado à sombra do Colégio das Artes de Coimbra durante os seus cerca de cinco anos de formação académica, tenha posto em prática neste seu grande poema os mesmos recursos estéticos do “símile de cauda longa” que Homero e Virgílio usaram, para dar grandiosidade épica àquela sua narrativa.

Demos com exemplo a comparação tirada do Canto II do referido *De gestis*, em que o humanista narra a expedição de Mem de Sá a Ilhéus para dominar o levantamento dos índios daquelas terras. Acabada a operação, e ateado o fogo às aldeias, Mem de Sá regressa vitorioso. Mas os indígenas não desistem e perseguem-no na retirada. Ele, ao dar-se conta da aproximação, arma-lhes uma cilada e simula continuar viagem. Anchieta conta a história em pormenor numa bela narrativa em que não falta a consagrada fórmula do amanhecer após toda uma noite de combate e incêndio:

*Quattuor exurunt ultricibus opida flammis,
 Donec pulchra diem croceo reuehebat amictu
 Aurora, et rutila splendebat lampade Phoebus.*⁴

Quatro aldeias ardem na vingança das chamas
 até que a bela Aurora novo dia transportava em seu manto
 de açafião, e Febo respladecia com seu disco rutilante.

Depois descreve todo o processo do avanço dos índios e da emboscada, e termina o relato directo com estas palavras:

⁴ *Vd. P. José de Anchieta, S.J., De Gestis Mendi de Saa, Poema Épico, Obras Completas - 1º Volume, Introdução, versão e notas, do Pe. Armando Cardoso, São Paulo, Edições Loyola, 1989, p.156, v.1494-1496. Seguiremos esta edição para efeito de citação do texto latino.*

*Illum excurrentem, et multo clamore frementem
A tergo inuadit latitantum turma feritque,
Corpora dans leto, mentes Stygialibus undis:
Sic quam inferre parat caedem, tulit improbus hostis.⁵*

Enquanto o inimigo corre em frémitos de enorme gritaria,
ataca-o e fere-o pelas costas o destacamento emboscado,
entregando seus corpos à morte e as almas às águas do Estige.
Assim o inimigo insensato sofreu a matança que ele mesmo urdia.

Anchieta poderia ter ficado por aqui, mas, no desejo de ser mais claro e expressivo e não encontrando outro discurso capaz para o efeito, resolve recorrer ao seguinte símile, de estrutura igual aos de Homero e Virgílio:

*Vt cum saeua tigris, quam multa insania edendi
Collecta ex longo subigit, caligine noctis
Fisa, subit cratem obscuram, quam pondere magno
Grandia ligna grauem reddunt, stat territus ultra
Inclusus septo canis et religatus ad escam;
Haec, stimulata fame et praestantis imagine praedae,
Ingreditur, uentrem catulo pastura perempto,
Atque sitim exhausto pulsura cruore; sed illa
Introeunte, cadit lignorum machina grandis,
Immani rabidam prosternens pondere tigrim!
Sic saeui insidiis hostes cecidere subacti.⁶*

Como quando a terrível onça, dominada pela extrema insânia de uma fome longamente acumulada, fiada na caligem da noite, se enfia por debaixo da disfarçada grade que os enormes troncos com sua volumosa carga tornam pesada, e, do outro lado, estarrece de medo

o cão fechado na cerca e acorrentado a servir de engodo;
Ela, aquilhoada pela fome e pela imagem da preia presente,

⁵ *Vd ibidem*, p. 158, v. 1510-1513.

⁶ *Vd. ibidem*, p. 158, v.1514-1524.

avança pronta a despedaçar o cachorro e a fazer dele o pasto do seu ventre e a matar a sede no sorvo do seu sangue; mas, no momento em que ela entrava, eis que a enorme armadilha de troncos desaba esmagando com seu peso descomunal a onça enraivecida!
Assim tombaram os cruéis inimigos dominados pela cilada.

O Orfeu Brasileiro, que teve na *Eneida* de Virgílio uma grande fonte inspiradora do seu poema épico *De Gestis Mendi de Saa*, que a denuncia de uma forma manifesta e reiterada na própria composição das comparações, recorreu a tais estilemas ainda com mais frequência que o próprio Mantuano. De facto, a percentagem de símiles deste tipo existentes na epopeia romana, que é, em média, de cerca de 1,4 para cada cem versos, ou de um símile por cada 71,5 versos, foi de longe suplantada pelo nosso humanista neste seu poema, em que os números apontam para cima 2,3 símiles por cada 100 versos ou seja um símile para 43 versos, o que representa quase o dobro da prática virgiliana.

Como acontece com as epopeias clássicas, em que se verifica uma concentração de símiles nos momentos de grande tensão e movimento, particularmente no desenrolar dos cenários de guerra, também no *De gestis de Anchieta*, sendo todo ele porém um poema essencialmente bélico, é nos espectáculos de maior acção que se acumulam as comparações alongadas e sugestivas, como acontece na batalha do Cricaré, em que, em pouco mais de 100 versos, aparecem nada menos que oito grandes desenvolvimentos deste tipo e em que a fogsidade do seu comandante Fernão de Sá é comparada com a fúria do vento Bóreas (vindo do Norte), em contraste com os índios, que, em rápida debandada, se assemelham ao Noto (o vento do Sul), e a sua gritaria, atroando os ares, lembra algum cataclismo abatido sobre a floresta; os jovens companheiros de Fernão de Sá e ele próprio são comparados ora a um caudaloso rio espumante de raiva, que tudo leva à sua frente, ora ao tempestuoso furacão, ou ao elefante enfurecido quando se dá conta de sangue derramado. Outras concentrações de comparantes e comparados verificam-se na descrição da campanha de Ilhéus, em que, além do tigre apanhado na armadilha, como os índios o foram na emboscada já referida, há os símiles do golfinho e da baleia, apropriada e particularmente expressivos para descrever uma batalha aquática, travada entre índios cristãos e índios rebeldes. E também na guerra do Paraguaçu, em que, num espaço de cerca de apenas 300 versos (vv.1.761-2108), se juntam seis grandes comparações envolvendo os clássicos comparantes da laboriosa

abelha para traduzir toda a azáfama e nervosismo da Juventude Lusitana (*Lusitana iuventus*, v. 1805) nos preparativos da campanha; da onça e da ursa paridas, enraivadas pela protecção dos filhotes, dos lobos acoçados pelos cães molossos, para descrever a fúria e desespero dos índios vencidos, além de outras.

Além destes motivos, Anchieta apresenta, ainda, como conteúdo do comparante a timidez da corça e da pomba, a voracidade de lobo, a mansidão da ovelha e do cordeiro, a multidão das formigas, a rapinagem do gavião, a imundície do porco e o inchaço do sapo. No campo das fenómenos urânicos e terrestres, aparecem as comparações com a variação das estações do ano, a velocidade e violência do raio e dos ventos, o estrondo do trovão, o ruído do granizo, a agitação ciclónica da tempestade, a devastação do incêndio e o ímpeto da torrente, e também a volatilidade do perfume, a beleza do prado florido e o encanto da Primavera. São referidos, ainda, entre outros comparantes de passagem, a dureza do mármore e da rocha e a mobilidade do pó.

As características específicas de tais comparantes são aproveitadas e atribuídas pelo humanista com a mais rigorosa propriedade às diversas situações que a narrativa lhe oferece, concedendo ao discurso diegético um inestimável valor acrescentado de força expressiva, de vivacidade e dinamismo, inteiramente adequados a cada momento da acção.

Particularmente sugestiva e apropriada é a comparação usada por Anchieta para descrever o estado de espírito de Mem de Sá quando, na expedição ao Rio de Janeiro, frente à ilha de Villegaignon, se prepara para o assalto ao forte de Coligny, ocupado pelos franceses, e decide atacar mesmo contra a opinião geral dos seus próprios capitães. O poeta conta como ele acabou por vencer, sozinho, a resistência do seu conselho de guerra e avançou

*Quale, quod opposita lignorum mole morari
Agricolae, atque aliis tentant deducere fossis,
Flumen, it exiguo cum per uicina fluente
Arua; reluctatur multo conamine, donec,
Colluione potens, insano uortice moles
Obruit obiectas, uasto se gurgite pandens.⁷*

Qual rio que, – porque o tentam represar com volumosa
barreira de troncos e desviá-lo para outros canais –,

⁷ *Vd. ibidem*, p. 202, v. 2484-2489

vai pelos campos vizinhos em estreita regueira,
 e continua, com enorme esforço, a fazer resistência, até que,
 fortalecido com o volume das águas, faz derruir em louco turbilhão
 a gigantesca barragem, alargando-se em vasto manancial.

Igualmente expressivo é o exemplo colhido no Canto I, no passo que relata a batalha do Cricaré, na capitania do Espírito Santo, por altura da expedição de Fernão de Sá, que nela perdeu a vida, às ordens de seu pai, o governador Mem de Sá. O jovem comandante partira para uma missão delicada, a primeira em importância dentro de outras várias que fizeram parte da política de domínio e apaziguamento dos povos indígenas que marcou a ação daquele 3º governador-geral do Brasil. Tratava-se, neste caso, da rebelião dos Tomoios, que ameaçavam os colonos do Espírito Santo e cuja altivez e agressividade são descritas por Anchieta, que lhes dedica o primeiro símile do poema, ao compará-los com “furiosos tigres prontos a rasgar os seus corpos e a sorver, com sedenta fauce, o seu sangue inocente”

*Non secus ac saevae carpturae corpora tigres
 Hausturaeque pium sitiendi fauce cruorem.*⁸

A batalha envolveu o sucessivo ataque de três fortes, que Fernão de Sá dominou. Mas, na fase final, viu-se de repente desprotegido dos companheiros, desanimados do combate, e teve de lutar sozinho nos últimos momentos da vida como um leão cercado de caçadores. Anchieta descreve a cena final neste longo símile:

*Quem circum glomerati hostes clamoribus urgent
 terrificis, telisque premunt, et crebra fatigat
 saeva manus: ceu frendentem cum turba leonem
 cingit, et infestat iaculis, ille improbus ira
 rugit atrox, et torua tuens, hunc impetit aut hunc
 impavidus laniatque artus feras ore cruento;
 illi instant, figuntque hastas per terga, per armos
 certatim, donec confossus uulnere multo*

⁸ *Vd. ibidem*, p. 96, v. 246-247.

occumbit, laeditque immani corpore terram.

*Sic iuuenem obsessum densa cinxere corona
hostillis globus: hic ignis petit, ille sagittis
plurima conantem frustra, clamantque ruuntque.*⁹

[etc.]

Apinhados ao seu redor, os inimigos ameaçam-no com gritos aterradores e atacam-no com flechas, e a terrível chusma não cessa de o atormentar: **Tal como** os caçadores cercam o leão fremente e o infesta de setas, enquanto ele louco de raiva solta rugidos atrozes e com olhar ameaçador ataca, destemido, ora este ora aquele e, feroz, rasga-lhes o corpo com a boca em sangue. Eles acoossam-no, espetam-lhe lanças pelo dorso, pelas ilhargas à forfia, até que todo varado de feridas sem conto, sucumbe e fere a terra com sua descomunal corpulência. **Assim também** a chusma inimiga, em cerco apertado, sitiou e cingiu o jovem: um ataca-o com varapaus, outro com setas, enquanto ele em vão se desdobra em esforços; gritam e rompem sobre ele.

[etc.]

Esta comparação, além da adequada propriedade de imagens, oferece-nos a estrutura do amplo símile homérico de cauda longa, em que se delimita com particular clareza a fronteira entre o comparante – a cena do leão cercado pelos caçadores – e o comparado, isto é, o espectáculo da morte do herói Fernão de Sá, mediante as expressões conectivas “Tal como”... “Assim também” (“*ceu ... sic*”). Destas, a primeira tem por função interromper o discurso da narrativa do poema, abrindo caminho para o espaço do imaginário ao encontro de uma pequena história comparativa que vem clarificar e ornamentar o conteúdo diegético principal; a segunda expressão tem o papel de religar este minidiscorso, integrando-o no fio condutor há pouco interrompido.

Esta é a ordem mais natural, como é sabido, na colocação dos dois termos do símile: o comparante na prótase e o comparado na apódose. Mas nem sempre assim acontece, e há mesmo autores que preferem inverter aquela posição, por

⁹ *Vd. ibidem*, p. 116, v. 633-644.

motivos de ordem estética. Anchieta, conhecedor destes processos, dá exemplo frequente dessa liberdade, como acontece na comparação que, justamente, precede a anterior e em que Anchieta descreve o reajuntar dos Tamoios para o combate em que, como vimos, veio a perder a vida Fernão de Sá. O poeta apresenta-os a surgir a pouco e pouco em pequenos magotes saídos da floresta por atalhos secretos e a crescer constantemente até formar imensa multidão ao som de gritaria a retumbar pelos ares, e fecha a narrativa deste reajuntamento com a seguinte comparação:

*Arbore ceu tectus densa qui e montibus altis
rius abit, leni per laeuia murmure saxa,
postquam saeuam hiemem subitis pluit imbribus aether,
et nemora et montes quatiens, hinc plurima et illinc
unda cadens adiungit opes; ruit ille receptis
impetuosus aquis, raptaque ingentia torrens
robora uellit humo, lapidumque uolumina saeuo
uortice magna rotans, aut murmura dira profundit
turdibus, aut uasti tonitrus imitatur Olympi.¹⁰*

Tal como o regato que, coberto de denso arvoredado, parte do alto das montanhas com suave murmúrio por entre seixos roliços, depois que o céu, em repentina borrasca, descarregou sua furiosa invernã, e a chuva, fustigando bosques e montanhas e caindo abundante de todos os lados, junta seus recursos; então ele, impulsionado pela águas recebidas, irrompe e, feito torrente, arranca do chão e arrebatava gigantescos robles, e, rolando em violento remoinho enormes volumes de pedras, na sua turbulência imita ora o soturno rumor do mar profundo, ora o ribombar do trovão na vastidão do Olimpo.

A maior parte dos motivos escolhidos por Anchieta tem raízes clássicas, mas o humanista soube recreá-los e adaptá-los com independência e mestria. Casos há em que a criatividade foi maior, como no símile das formigas aladas e no do sapo. Este batráquio serviu-lhe para traçar o perfil do audacioso cacique Cururupeba, da ilha do mesmo nome, que ousava desafiar as próprias autoridades

¹⁰ *Vd. ibidem*, p. 114, v. 588-596

da Bahia no tempo em que Mem de Sá acabava de entrar no Brasil e que acabou por ser capturado no seu próprio esconderijo, sem força para poder resistir,

[.....] *Ceu bufo cauernis*
Cum latitat, buccas inflans uentremque, cruentam
Intentare necem credas morsu atque ueneno;
Ast ubi corripitur dextra, non ulla furoris
*Signa manent, trahiturque cauus, ceditque trahenti.*¹¹

[.....] **Como** o sapo **quando** se esconde na cova, inflando ventre e bocarra, dir-se-ia pronto a espalhar cruel morte com sua mordedura envenenada; mas, mal o agarram à mão, não restam quaisquer sinais da fúria e ele deixa-se arrastar do buraco, incapaz de oferecer resistência.

Trata-se de um comparante invulgar e sugestivo, cuja tradição anterior não conseguimos detectar e que poderá muito bem ser uma novidade do humanista Anchieta. Mas o símile porventura mais brasileiro do *De gestis* será talvez o das formigas voadoras, com que é assimilada a nuvem de setas que recobre o céu durante um dos combates entre as tropas de Mem de Sá e as francesas no assalto à ilha de Villegaignon, num amplo e dos raros símiles múltiplos deste poema, em que intervêm, além do granizo, as formigas içãs por altura da saída do exame das novas crias. A imaginação do poeta assim constrói esta última comparação homérica:

Martius exardet feruor, tellusque sagittis
Figitur innumeris; ingens obducitur aether,
Telorumque latet densa sub grandine caelum,
Non aliter postquam nimbosus desiit Auster
Caeruleis madidare agros siluasque uirentes
Imbribus, et grauidas quassare tonitrua nubes,
Cum flagrat usta dies Titane uigente, cauernis
Exit ab internis terrae, penitusque relinquens
Maternas formica domos noua tecta requirit:

¹¹ *Vd. ibidem*, p. 128, v. 877-881.

*Crebrescit foribus strepitus, uolat agmine denso
Quattuor innitens alis, celeresque sub auras
Surgit, et obscuram supra facit aera nubem.*¹²

Abrasa-se o ardor de Marte. A terra crava-se
de inúmeras setas, tolda-se a imensidade do espaço,
e o céu fica escondido sob o denso granizo das flechas.
Tal como, depois que o nimboso Austro deixou de regar
com suas cerúleas chuvas os virentes campos e bosques,
e os trovões pararam de sacudir as carregadas nuvens,
quando o dia arde em brasa sob o vigor de Titã,
sai das entranhas da terra a formiga e, deixando
seus lares maternos lá no fundo, vai em busca de nova casa;
recresce o seu ciciar junto à entrada, voa em denso enxame
apoiada nas quatro asas e eleva-se nas auras ligeiras,
formando negra nuvem por sobre os ares.

Com este símile de cauda de noiva, de conteúdo tropical e de estrutura verdadeiramente homérica, que fecha a bem dizer a epopeia brasileira do *De gestis*, Anchieta mostra-se ao mesmo tempo um modelar herdeiro das técnicas literárias da tradição greco-latina e um poeta inovador que soube dar à sua obra a vitalidade da cor local. O elemento estético das comparações homéricas, associado a outros que igualmente percorrem a sua obra novilatina, faz do seu autor o primeiro e maior humanista dentro da história da literatura do Brasil, e um dos melhores que nasceram ou viveram em Portugal.

¹² *Vd. ibidem*, p. 210-212, v. 2695-2705.